

A UBIQUIDADE ONTOLÓGICA DOS SERTÕES: GEOLITERATURAS E DESAFIOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS

**THE ONTOLOGICAL UBIQUITY OF THE BRAZILIAN'S INNER TERRITORIES:
GEOLITERARIES AND TEACHING-PEDAGOGICAL CHALLENGES**

**LA UBICUIDAD ONTOLÓGICA DE LOS SERTONES:
GEOLITERATURAS E DESAFÍOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS**

<https://doi.org/10.26895/geosaber.es.v15i0.1310>

GILVAN CHARLES CERQUEIRA DE ARAÚJO^{1*}
VALÉRIA CRISTINA PEREIRA DA SILVA²
LÉON DENIS FERREIRA XAVIER³

¹ Professor e Pesquisador Permanente do Programa Stricto Sensu de Mestrado e Doutorado em Educação e Professor no Programa de Incentivo à Licenciatura - (PRIL) da Universidade Católica de Brasília, Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina - Prolam/USP, professor de Geografia na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. QS 7 LOTE 1 - Taguatinga, Brasília - DF, 71966-700. Tel: (+55 61) 3901.3185, gilvan.araujo@p.ucb.br, <http://orcid.org/0000-0003-4238-0139>

* Autor Correspondente

² Prof.^a Dr.^a da Universidade Federal de Goiás (UFG), vinculada ao Instituto de Estudos Socioambientais-IESA e ao Lagiciarte – Laboratório de Imaginário Criatividade e Arte - Coordenadora do grupo de Estudos de Imaginário, Paisagem e Transculturalidade – GEIPaT, onde pesquisa os temas: imaginário da cidade, geografia e literatura, cultura, sensibilidades, pós-modernidade e ontologia do espaço, vpcsilva@hotmail.com, <http://orcid.org/0000-0002-3895-4059>

³ Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestre em Integração da América Latina pela Universidade de São Paulo (PROLAM/USP) e Graduado em Geografia/Licenciatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Colaborador do Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos (LEGES), vinculado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e desenvolve pesquisas nas temáticas relativas a Espaço, Identidade e Música, leon.profgeografia@gmail.com, <http://orcid.org/0000-0002-1743-7685>

Histórico do Artigo:

Recebido em 10 de Novembro de 2023.

Aceito em 25 de Março de 2024.

Publicado em 03 de Abril de 2024.

RESUMO

O sertão é um múltiplo geográfico, desafiando definições e limites para sua conceituação, análise e proposições de compreensão de seus sentidos. Ontologicamente o sertão, pensado do ponto de vista ôntico, possui essências diferenciadas, porque sua própria natureza se diversifica do ponto de vista empírico também se multiplica. Uma das maiores formas de expressão desta diversidade do sertão em sua empiricidade e ideação está na literatura que, ao contribuir para problematizações geoliterárias há diferenciadas e ricas expressões do sertão entendido como interior territorial do Brasil. Na geoliteratura há modos de vida, culturas, paisagens simbólicas e naturais, conflitos e demais aspectos do sertão que podem ser incorporados em reflexões e proposições didático-pedagógicas da Geografia Escolar, de modo não apenas a expandir como, também, inserir a complexidade ôntico-ontológica da ubiquidade do sertão em conteúdos, temas e experiências de aprendizagem sobre os sertões brasileiros.

Palavras-chave: Sertões. Ontologia. Geoliteratura. Ensino.

ABSTRACT

The Brazilian's inner territory is a geographical multiple lands, challenging definitions and limits for its conceptualization, analysis and proposals for understanding its meanings. Ontologically, the inner territory, thought of from an ontic point of view, has different essences, because its very nature diversifies from an empirical point of view and also multiplies. One of the greatest forms of expression of this diversity of the backwoods in its empiricity and ideation is in the literature that, by contributing to geoliterary problematization, there are different and rich expressions of the inner territories understood as the territorial deepest lands from Brazil. In geoliterature there are ways of life, cultures, symbolic and natural landscapes,

conflicts and other aspects of the backwoods that can be incorporated into reflections and didactic-pedagogical propositions of School Geography, in order not only to expand but also to insert the ontic- ontological ubiquity of the backlands in content, themes and learning experiences about the Brazilian's inner territories.

Keywords: Brazilian's inner territories. Ontology. Geoliterature. Teaching.

RESUMEN

El sertão es un múltiple geográfico, desafiando definiciones y límites para su conceptualización, análisis y proposiciones para la comprensión de sus significados. Ontológicamente, el sertão, pensado desde el punto de vista óntico, tiene esencias diferenciadas, porque su misma naturaleza se diversifica desde el punto de vista empírico, también se multiplica. Una de las mayores formas de expresión de esa diversidad del sertão en su empirismo e ideación está en la literatura que, al contribuir a las problematizaciones geoliterarias, existen expresiones diferenciadas y ricas del sertão entendido como el interior territorial de Brasil. En la geoliteratura hay modos de vida, culturas, paisajes simbólicos y naturales, conflictos y otros aspectos del sertão que pueden ser incorporados a las reflexiones y propuestas didáctico-pedagógicas de la Geografía Escolar, con el fin no sólo de ampliar sino también de insertar el óntico- complejidad pedagógica ontología de la ubicuidad del sertão en contenidos, temas y experiencias de aprendizaje sobre los sertões brasileños.

Palabras clave: Sertones. Ontología. Geoliteratura. Enseñanza.

INTRODUÇÃO

O ser humano é o enunciador do Ser. Essa é a máxima à qual o presente trabalho se pauta como pilar inicial e referencial teórico, epistemológico e onto-ontológico para compor seus argumentos, análises e proposições. Essa capacidade de (des)velar o Ser pela linguagem a partir da imanência dos entes em sua emanção ontológica é tratar por diferentes autores que fazem parte do escopo fenomenológico dos séculos XX e XXI.

As ligações teórico-metodológicas e epistêmico-analíticas efetuadas neste artigo, a partir da ontologia fenomenológica e a espacialidade, vai ao encontro do que é teorizado por autores como Malpas (2018), Pádua (2005) e Iñiguez (1987). Para estes autores, a vida fática e cotidiana representa o ápice da emanção dos sentidos da existência no mundo, transformando a terra em mundo, significando-o e transformando, tal qual refletira Dardel (2011), e sua composição epistemológica sobre a geograficidade.

Podemos entender a geograficidade, em primeiro lugar, como a qualidade do geográfico inerente aos seres. Dardel (2015) discorrendo sobre a existência e a realidade geográfica afirma que a geografia não é necessariamente um conhecimento, tampouco, um objeto, mas acima de tudo, ela infere sobre o que importa ao ser. E se a realidade geográfica é para o homem o lugar onde ele se encontra e os lugares que lhe são caros do passado ou aqueles que em deseja estar no presente ou no futuro, todas as qualidades, os adjetivos e predicados dos lugares estão nas coisas e podem ser traduzidos ou interpretados por meio do estado de geograficidade. Assim, a geograficidade está num livro, num artefato, num personagem, num corpo etc.

Desse modo, quando nos debruçamos sobre o sentido de sertão chegamos quase ao estado total de geograficidade, pois na literatura, o sertão não é tão somente um lugar, mas um lugar carregado e cantado no ser-ta-nejo, ser este que se forja na vastidão do espaço, como bem aflorou no pensamento rosiano de que o sertão está dentro de nós, e portanto, em toda parte, por onde o levamos.

A partir desse ponto inicial de inquirição somam-se duas vertentes de argumentos e análises seguidas para se chegar ao ponto final da proposta deste artigo. A primeira delas trata da ubiquidade onto-ontológica do sertão, no sentido de reter ôntica e ontologicamente em seu sentido uma das mais complexas questões da ontologia fenomenológica, que é o papel da res extensa da espacialidade como projeção da (in)finitude de manifestação do Ser seja pelo ente humano, pela facticidade do mundo ou pela presença do outro como o além-conhecido nas paisagens, nomeadas sertão (AMADO, 1995; MORAES, 2003; ANTONIO FILHO, 2011; REGO, 2016; SENA, 1998; SUZUKI; ARAÚJO; MARQUES, 2022).

Em segundo lugar, por outro lado, também há uma questão a ser posta sobre o sertão, já embasado inicialmente em sua característica onto-ontológica ubíqua de enunciação e sentido, ou seja, como há uma abrangência dessa essência da ideia de sertão estendida em diferentes visões e composições de saberes, artes e práticas, fazendo com que haja, duplamente, tanto um desafio como uma grande oportunidade potencialização da unicidade onto-ontológica do sertão em uma perspectiva didático-pedagógica interdisciplinar.

PENSANDO O SERTÃO EM SUA UBIQUIDADE

Os sertões como conceito geográfico podem ser pensados como os interiores territoriais brasileiros. Para além do seu referencial cultural e histórico mais próximo de construção simbólica da paisagem semiárida e região Nordeste, é possível pensarmos o sertão para além destes direcionamentos socioculturais. No sentido do que é defendido por Moraes (2003) quando o autor nos propõe a reflexão de que: “Descrever os sertões tem sido uma das metas mais praticadas pelo labor geográfico no Brasil, aparecendo mesmo como um elemento forte de legitimação desse campo disciplinar em diferentes conjunturas históricas do país” (MORAES, 2003, p. 2).

Em sentido amplo, o que esta reflexão significa é que não uma correspondência empírica única para o que geograficamente se entende como sertão: “Desse modo, não há possibilidade de realizar uma caracterização geográfica precisa das localidades sertanejas” (MORAES, 2003, p. 2). já que estas localidades “[...] não correspondem a uma materialidade terrestre individualizável, passível de ser localizada, delimitada e cartografada no terreno.” (MORAES, 2003, p. 2).

A proposta de Moraes (2003) dialoga com as posições de autores como Araújo (2018), Rego (2016), Amado (1995) e Antonio Filho (2011), no sentido de propor uma problematização sobre o sertão como interior territorial do Brasil. Matas, serras, descampados, planícies, arbustos retorcidos, árvores tão secas quanto as pedras que as rodeiam ou ambientes florestados dos mais úmidos e chuvosos que se podem encontrar na América do Sul, a empiria do sertão altera-se de acordo com a ideia que, experiência e vivência que o abarca: “O sertão não se inscreve como uma empiria, nos moldes dos enfoques indutivos tradicionais da geografia.” (MORAES, 2003, p. 2).

A proposição estabelecida é de ir além do que outrora fora pensado por Lambert (1969), no sentido de superar a dualidade litoral e a pós-região para além da região praiana. Há uma questão de expansão e, até mesmo, rompimento para consideração de novas significações ao significativo geográfico sertão. Leste a Oeste, por rios ou trilhas, o sertão se fez e se faz pela vivência que nele foi-se construindo ao longo do processo de formação territorial do Brasil, como estares de um ser sertão:

Dos dois lados do Atlântico, os caminhos do sertão, fossem eles terrestres ou fluviais, eram buscados e percorridos por homens que se pautavam por essa geografia imaginária, a qual cada vez mais dava passo a um maior conhecimento empírico do terreno. Nesse processo não faltava a visão estratégica, como no caso do “caminho do Brasil”, em terras americanas, e no “caminho da costa à contracosta”, em terras de África. O mote e a razão principal, entretanto, eram a busca de riquezas, ou a garantia da sobrevivência. Foi assim que se foi conformando, aos poucos, a expansão territorial e a conquista dos sertões, com sucesso muito maior na América do que na África Portuguesa, em um contexto de interdependência entre a iniciativa oficial e a privada (RÊGO, 2006, p. 49).

Em concordância com as considerações de Rêgo (2006), pode-se somar as reflexões sobre o sertão efetuadas por Sena (1998), que discorre, também sobre a complexidade categorial do sertão, seja academicamente ou histórica e socialmente: “O *sertão* é, simultaneamente, singular e plural, é um e é muitos, é geral e específico, é um lugar e um tempo, um modo de ser e um

modo de viver, é o passado e o presente, o fora do tempo, o que não está nunca onde está.” (SENA, 1998, p. 23); assim como o faz Antonio Filho (2011):

Ainda que originalmente o termo “sertão” possa ter designado “terras situadas no interior dos continentes” e que apresentam aspectos de semiaridez, observa-se o uso daquela palavra sem a obrigatoriedade desta característica biogeográfica, mesmo no período inicial das grandes navegações e “descobertas” dos lusos, em relação ao continente americano, nos Séculos XIII e XIV. Já, naquele tempo, o termo “sertão” tanto servia para designar uma “região”, uma “área” indefinida, um “lugar” ou um “território” qualquer, localizado longe do litoral, no interior ainda despovoado (entenda-se colonizado) ou mesmo desconhecido, não importando se ali houvesse ou não um deserto ou uma paisagem semiárida. Parece que esta última conotação é que se firmou como significado de “sertão”, consagrada pelos usos e costumes, desde a época colonial até nossos dias, isto é, com o significado de “terras no interior do continente”, e que não eram, necessariamente, semiáridas ou áridas, mas sim despovoadas.” (ANTONIO FILHO, 2011, p. 84).

A partir de tais colocações, reforça-se, ainda mais, as posições epistemológicas e ontológicas do sertão efetuadas por Moraes (2003, p. 3) quando, retoma seus argumentos dizendo que: “[...] sua discussão força um rompimento na relação direta entre conceito e realidade empírica, que domina as abordagens desse campo disciplinar, onde as conceituações referem-se a recortes tidos como efetivamente existentes na superfície da Terra.”. O sertão é a situação geográfica, sendo esta “um conjunto de forças, isto é, de um conjunto de eventos geografizados” (SILVEIRA, 1999, p. 2), como singularização do espaço habitado, tal como pensado também por Dardel (2011) a respeito das relações do ser humano com o ambiente que ocupa e transforma:

A “situação” de um homem supõe um “espaço” onde ele “se move”; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o *lugar* de sua existência. “Perder a localização”, é se ver desprovido de seu “lugar”, rebaixado de sua posição “eminente”, de suas “relações”, se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade. (DARDEL, 2011, p. 14).

Definir a situação do sertão é circunscrever um sem-número de significações e camadas de composições culturais, históricas e geográficas para um recorte territorial específico: “A ideia de sertão possui, portanto, um status teórico distinto das noções mais usuais de “habitat”, “ambiente”, “região” ou “território”, não se confundindo com elas.” (MORAES, 2003, p.3). Como já referido anteriormente, o espraiamento da essência do sertão em uma imensurável possibilidade de representação empírica vai ao encontro das considerações ontológico-topológicas do Ser, como trabalhado por Malpas (2018) e Pádua (2005) e, no Brasil, especialmente iniciadas por Armando Correa da Silva e muitos de seus orientandos e continuadores de seus ideais e ideias à uma ontologia do pensamento geográfico, como o próprio Antonio Carlos Robert de Moraes.

É possível, ainda, avançarmos um pouco mais a fundo em questões ôntico-ontológicas do pensamento geográfico em relação a ideia de sertão. Mas, antes de se partir em direção a um debate onto-ontológico do sertão é importante darmos um passo anterior, no que diz respeito ao papel da espacialidade na composição epistêmica da ontologia fenomenológica. Nesse sentido far-se-á um breve percurso e diálogo para além de duas grandes referências fenomenológicas do espaço e espacialidade, muito presentes em discussões geográficas, como os filósofos Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty:

O ser-em, ao contrário, significa uma constituição de ser da presença e é um existencial. Com ele, portanto, não se pode pensar no ser simplesmente dado de uma coisa corpórea (o corpo vivo do humano) “dentro” de um ente simplesmente dado. O ser-em não pode indicar que uma coisa simplesmente dada está, espacialmente, “dentro de outra” porque, em sua origem, o “em” não significa de forma alguma uma relação espacial desta espécie; “em” deriva-se de *innan-*, morar, habitar, deter-se; “an” significa: estou acostumado a, habituado a, familiarizado com, cultivo alguma coisa; possui o significado de *colo*, no sentido de *habito*

e diligo. O ente, ao qual pertence o ser-em, neste sentido, é o ente que sempre eu mesmo sou. A expressão “sou” conecta-se a “junto”; “eu sou” diz, por sua vez: eu moro, detenho-me junto... ao mundo, como alguma coisa que, deste ou daquele modo, me é familiar. Como infinitivo de “eu sou”, isto é, como existencial, ser significa morar junto a, ser familiar com. O ser-em é, pois, a expressão formal e existencial do ser da presença que possui a constituição essencial de ser-no-mundo. (HEIDEGGER, 2008, p. 100).

Compreende-se, de início, a presença do mundo na tríplice composição fático-fenomenológica na qual e pela qual se pauta a estrutura metodológica da fenomenologia, ou seja, as dimensões do Eu, o Mundo e o Outro (SILVA, 2000; ARAÚJO, 2020). Como fato há todo recorte ôntico, dos entes passíveis e possíveis de serem intencionados e apreendidos, seja de forma intuitiva ou perceptiva. De igual modo, na totalização/universalização de todos os fatos, ou facticidade possível encontra-se a fenomenicidade, que manifesta-se pela essência de cada um dos entes isolados, o fenômeno do mostrar-se em si mesmo.

O “em” heideggeriano é, desta maneira as diferentes formas do Eu estar no mundo, em relação ao Outro e consigo mesmo, na (in)compreensão de si do próprio Ser-aí, o Dasein: “O mundo é com efeito um existencial, ele é da ordem de um projeto do Dasein, aberto para a compreensão de si do Dasein.” (DUBOIS, 2004, p. 30-31). Lembrando que o Ser-aí é uma das traduções possíveis a essa importante categoria heideggeriana, que conecta-se, por exemplo, geoliterariamente a concepção de sertão de Guimarães Rosa quando este entoa tanto que o *sertão está em toda parte* como, também, *o sertão está dentro da gente*.

Geograficamente, como refletido por Moraes (2003) o sertão possui, a um só tempo, tanto a dimensão externa como interna da localização projetada a um movimento e/ou estar em passagem por algum lugar ou paisagem. No exercício proposto de aproximação da ontologia fenomenológica com a ideia de sertão encontramos outro paralelo no sentido de que: “As categorias de ‘interioridade’ e de ‘exterioridade’ são aqui simplesmente deixadas de lado.” (DUBOIS, 2004, p. 30-31) e, mais do que isso: “Caso se prefira, o mundo é a própria condição de possibilidade da relação sujeito-objeto, ou, melhor, o ser-no-mundo é a condição de possibilidade da intencionalidade da ‘consciência’.” (DUBOIS, 2004, p. 30-31). A exterioridade do mundo em sua facticidade soma-se a minha interioridade, por meio de um fluxo de intencionalidade ininterrupto do pensar, agir, emocionar-se, experienciar, enfim, viver o mundo:

"Há um mundo", ou, antes, "há o mundo"; dessa tese constante de minha vida não posso nunca inteiramente dar razão. Essa facticidade do mundo é o que faz a Weltlichkeit der weil, o que faz com que o mundo seja mundo, assim como a facticidade do Cogito não é nele uma imperfeição, mas, ao contrário, aquilo que me torna certo de minha existência. (MERLEAU-PONTY, 2008, p. 14).

Portanto, o ser-em como formas de ser-no-mundo no e pelo sertão em diferentes estares como lugares de emanção do sentido pelo *Dasein* em Heidegger possui a espacialidade como interface e condição da situação e experiência do devir existencial, tal como trabalhado amplamente por Merleau Ponty (2008) quando afirma que: “O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável.” (MERLEAU-PONTY, 2008, p. 14).

Esta situação geográfica como condição de movimento essencial do devir existencial fenomenologicamente também pode ser encontrada em autores como Marandola Júnior (2020), Malpas (2018) e Silva (2000). A situação são as geograficidades do habitar e pensar o mundo, seja como ser-em ou, mais especificamente, no caso ontológico da fenomenologia existencial geográfica do ser-no-mundo que imbrica a diferenciação ôntico-ontológica do Eu, o mundo e o Outro, encontrados as expressões geoliterárias da ubiquidade espacial do sertão.

GEOGRAFIA E LITERATURA: INTERSECÇÕES

Como refletido por Dardel (2011) o sertão seria uma síntese do ser-no-mundo como expressão de múltiplas geografidades, estares de e do ser na espacialidade. Levar este debate para a prática didático-pedagógica por meio de uma aproximação entre Geografia e Literatura é tanto possível como profícua na abertura de novas vertentes de aprofundamento sobre a conceituação e análise dos sertões no território brasileiro.

As diferentes representações geoliterárias do sertão vão ao encontro da inevitabilidade de sua diversidade ontológica, de sentido em relação a paisagens, regiões e modos de vida diferenciados. Seguindo as colocações de Dardel (2011), Moreira (2004) designa tal diversidade como a essência da própria construção ontológica e epistemológica da geograficidade, como ser-no-mundo mesmo, a mundaneidade no habitar a terra: “Designamos geograficidade à condição espacial da existência do homem e qualquer sociedade. O equivalente do que em filosofia Heidegger designa a mundaneidade do homem.” (MOREIRA, 2004, p. 32).

Desta maneira, como tratado anteriormente, sertão pode ser compreendido como a inerência do sentido espacial em sua imanência como transcendência, cerrando em si o onto-ontológico da facticidade como expressão mundana do Ser pelo ser de diferentes entes. Esses entes, tão diversos, cheios de si e de ser estarão dispostos na universalidade de sentidos do Ser, e o sertão terá em sua ubiquidade onto-ontológica a capacidade de abarcar tal diversidade espacial como generalização fática de uma fenomenicidade que é, por si só, inalcançável em sua inteireza de e do Ser.

Simbólica e concretamente, o sertão se organiza, como ideia e realidade, de formas diferentes, a partir de referenciais também eles diversificados, múltiplas geografidades: “[...] a geograficidade é em si a síntese da relação entre a essência e a existência e assim a própria totalidade concreta do ser. Daí que a espacialidade diferencial do existente é o próprio modo como se organiza a geograficidade.” (MOREIRA, 2004, p. 34).

O sertão, como ideia, vivência e experiência extrapola, portanto, a delimitação ou circunscrição espacial que, por ventura, possa se encontrar dentre suas diferentes definições e alocações. Desta maneira, antes de partimos para as ilustrações geoliterárias dos sertões cabe uma breve exposição sobre a aproximação necessária entre Geografia e Literatura (OLANDA; ALMEIDA, 2008).

A espacialidade como diversidade do ambiente e espaço vivido e a linguagem como expressão dessa imensurabilidade de representações habitar o mundo é o ponto de partida e chegada entre a ciência geográficas e as diferentes formas de representação da experiência do vivido pelas obras literárias. Ao encontro do que foi exposto anteriormente, os sertões propiciam tanto o alcance como a perscrutação em diferentes camadas de problematização sobre os elementos geoliterários de sua expressão.

Diferentes obras literárias e composições linguísticas manifestarão diferenciações do estar no sertão, tal como posto por Collot (2012) a respeito sobre a convergência das especificidades geográficas e literárias na interconexão das singularidades de cada obra ou autor:

Vê-se assim uma significativa convergência entre as duas disciplinas: os geógrafos encontram na literatura a melhor expressão da relação concreta, afetiva e simbólica a unir o homem aos lugares, e os escritores se mostram, do seu lado, cada vez mais atentos ao espaço em que se desenvolve a escrita. Com essa perspectiva, não é menos necessário enfatizar a especificidade das obras literárias e de sua abordagem, se não se deseja transformar a geografia literária em mero anexo da geografia cultural. Alguns geógrafos souberam integrar perfeitamente essa especificidade em sua abordagem da literatura. (COLLOT, 2012, p. 19-20).

Além disso, Collot (2012) considera, a partir de Ferré (1946, p. 9), que “as obras não nascem somente no tempo, mas também nos lugares, os escritores viveram tanto no espaço quanto na duração” demonstrando que as influências espaciais afetam a narrativa assim como as concepções do tempo em que as obras foram escritas. O que Collot (2012) reforça em suas posições vai ao encontro do que fora apresentado anteriormente, ou seja, é possível encontrarmos nas expressões geoliterárias formas de representação dos estares da existência no mundo. O mesmo ser-em como variação do ser-aí heideggeriano pode ser assim interpretado, em prosa e verso, na diversidade da arte literária, que une-se à espacialidade como fonte e recurso da complexidade e singularidade dessas expressões em suas obras. Essa mesma posição do autor é ainda continuada nos argumentos expostos por Alves (2018), a respeito da união interdisciplinar entre Geografia e Literatura:

O interesse atual do tema, na área de Letras, advém da certeza de que é preciso encontrar um lugar novo para compreender a relação entre o homem e o mundo, ainda mais se consideramos que estamos vivendo num tempo de um urbanismo veloz que vai, inexoravelmente, afastando a natureza do homem comum. (ALVES, 2018, p.23).

Este protagonismo do espaço na criação literária também é reforçado por Brandão (2013), quando o autor nos afirma que:

O espaço passa a ser tratado não apenas como categoria identificável em obras, mas como sistema interpretativo, modelo de leitura, orientação epistemológica. Simultaneamente à ampliação do escopo, e coerentemente com a tendência não mimética baseada na concepção autotélica de linguagem, passa-se a falar, de maneira bastante genérica, e usualmente metafórica, em “espaço da linguagem”. (BRANDÃO, 2013, p. 24).

O espaço e a espacialidade como sistema interpretativo nos possibilitam estabelecer o que Collot (2012) também trabalha como uso paralelo de categorias e conceitos do escopo teórico epistemológico da Geografia e dos estudos literários. Na diferenciação entre Geografia e Literatura, Geocrítica e Geopoética, é no terceiro caso que Collot (2012) propõe essa união epistêmico-analítica entre Geografia e Literatura, reforçada também por autores da Geografia como Besse (2006), Berque (1998), Marandola Jr. (2009) e Suzuki (2017). Esta riqueza e mobilidade epistemológica da espacialidade, presente em sua presença na geoliteratura, também é trabalhado por Moraes (2014) quando o autor considera que:

A espacialidade (como dimensão) pode ser tomada em diferentes níveis de abrangência, e a espacialização (como procedimento analítico) pode ser praticada de forma progressiva, seja em termos de detalhamento escalar e das interações entre as escalas, seja no que importa à história de lugares cada vez mais singularizados. No limite chega-se a unicidade da localidade, o lugar singular visto como componente de processos também únicos. Nessa concepção, espacializar é particularizar e historicizar, no sentido de localizar o objeto analisado não apenas temporalmente, mas espacialmente. Tem-se, então, a geografia como uma visão angular da história, dedicada ao desligamento de uma dimensão específica dos processos históricos: a dimensão espacial. (MORAES, 2014, p. 23).

O fático do mundo representado na arte literária torna-se o centro das atenções de uma possibilidade mais profunda de significação. O ser-no-mundo do ser-aí das personagens, ou seja, o propósito ou sentido de suas existências naquele mundo literário passa a ser um dos focos, tendo como ponto de partida e chegada a espacialidade. O mundo geoliterário abarca e transcende tanto a arte literária em seu texto, contexto e sentido como as imensuráveis formas de captação e perscrutação desse sentido, tal como reflete Heidegger: “A tese: da essência do ser-aí como tal faz parte o ser-no-mundo, contém o *problema* da transcendência.” (HEIDEGGER, 2009, p. 153).

É também por esta centralidade e potência da enunciação literária que encontramos, por exemplo, teorizações sobre versões brasileiras do romance de formação. Trabalhos

desenvolvidos por autores como Bolle Wille (2004), Roncari (2004), Corpas (2018) e Maas (2000) configuram-se com esta característica da arte literária como romance de formação em obras de Guimarães Rosa, com referências a outros nomes como Euclides da Cunha e autores da primeira metade do século XX. A espacialidade e a cultura, a relação exterior e interior das personagens, o domínio criativo da escrita e inovações linguísticas, são alguns dos elementos que estão nesta característica geoliterária e que podem ser encontrados nos exemplos prosaicos ou versados sobre os sertões brasileiros.

Assim como Alves (2018) a posição especial do espaço e espacialidade na literatura também é trabalhado por autores como Blanchot (1987) e Brandão (2013), além de encontramos importantes reflexões sobre a aproximação dialógica entre estas duas perspectivas em Suzuki (2017) e Monteiro (2002). Se há uma aproximação epistemológica interdisciplinar possível entre literatura e ontologia fenomenológica, é possível que seja proposta uma imersão dessa ponte por meio da geoliteratura, como expressão ontológica da espacialidade.

A ubiquidade do sertão na literatura nacional

Ao encontro do que é refletido por Moraes (2003), Rego (2016), Amado (1995) e Antonio Filho (2011) e as posições de Collot (2012), Alves (2018) e Brandão (2013) é proposto, neste terceiro momento do artigo um exercício ôntico-ontológico e geoliterário dos sertões, por meio de diferentes recortes de expressões geoliterárias regionais brasileiras. O exercício ontológico e geoliterário deste artigo vai ao encontro dos argumentos defendidos por Sena (1998), no sentido de buscar na literatura referenciais simbólicos para incursões reflexivas, analíticas de compreensões sobre diferentes temáticas acadêmicas, como é o caso do desafio epistemológico relacionado aos sertões:

Julgo que à diferença das categorias do entendimento, as quais expressariam o universal – enquanto ossatura do próprio pensamento –, as categorias inconscientes do entendimento, conquanto necessárias e cumprindo a função homóloga de tornar possíveis as ideias e de permitir que o simbólico se expresse, apontariam para o particular, para o específico. É desse modo que proponho que a noção de sertão será entendida como uma constituição de nossa nacionalidade. O mapeamento dessa categoria, ainda que no interior de um único gênero, como a literatura, aí incluído o cordel, permitiria evidenciar essa função-diretriz da categoria *sertão* no pensamento social brasileiro e apreender o caráter de continuidade que ela opera entre as várias formas de expressão simbólica. (SENA, 1998, p. 26).

Os estares do ser em seu ser-em-no-mundo como o sertão ubíquo, em todos os lugares e em nós mesmos, será apresentado em obras como *Sertão Sem fim* de Bariani Ortêncio (1983), *Os Sertões* de Euclides da Cunha (2019), *Grande Sertão Veredas* de Guimarães Rosa (2001), os sertões amazônicos em *A noite cobria o rio caminhando* de Paulo Jacob (1983), o *Sertão Carioca* de Magalhães Correa (1933) e os versos dos confins mato-grossenses de Manoel de Barros (1997), para que se possa propor uma ponte entre Geografia, Literatura e o ensino da ciência geográfica, a partir de uma perspectiva ontológico-fenomenológica, em algumas das proposições de autores como Rojas (2006) e Oliveira (1998).

O sertão goiano em Bariani Ortêncio

No conjunto de contos intitulados *Sertão sem Fim* Bariani Ortêncio realiza uma imersão geoliterária pelos interiores territoriais goianos. Especificamente no conto Patuá, o autor faz menções diretas a variabilidade empírico-paisagística dos sertões de Goiás, ao relatar a travessia desta espacialidade que se preenche e esvazia-se de e dos sentidos por aqueles que por ela passam ou habitam:

Desta vez partiu mais bem sortido, deixando, em casa própria, a mulher, gestante, com a qual se amasiara. A viagem, em lombo de burro, da velha capital para frente, era penosa, mas saudável. A ânsia de chegar e atacar logo o serviço era por demais. Passava por diversos povoados-tapera, garimpos abandonados, onde medravam o melão-são-caetano e os cafeeiros agonizantes. Descia o rio, deixando Ferreiro, Pilões, o Rio da Praia, o Lambari, a Serra das Guritas, o Rio Bugre, chegando, finalmente, ao Caldeirão do Inferno (ORTENCIO, 2011, p. 77).

A escrita de Ortêncio vai ao encontro do que é refletido sobre o regionalismo literário que alcança as características físicas e humanas da região central do território brasileiro. Assim como os demais autores apresentados e suas respectivas representações dos interiores territoriais do Brasil há nuances, significados, a empiricidade e simbolismos que fazem parte das práticas, saberes, fazeres e experiências das formas de se habitar e viver em tais lugares. Novamente, há uma correlação possível de amplo uso destas características regionais dos sertões goianos pelo autor como exemplificação e exercício interpretativo da ubiquidade ontológica da ideia de sertão, neste caso, especificamente em relação a região central do país.

O sertão carioca em Magalhães Corrêa

Se é possível, e na reflexão aqui proposta, recomendável, uma revisitação dos sentidos do sertão, então a obra de Magalhães Corrêa sobre o tema se torna um ativo acadêmico e escolar de singular interesse e potencial.

Nos arredores do Bico do Papagaio, nos locais conhecidos por Cantagallo, Floresta, Moreira e Quitito, fora Fazenda do Engenho da Serra, as matas estão sendo destroçadas por gananciosos que obtiveram concessões dadas pela Inspectoria Agrícola e Florestal, o que não se justifica, por acarretar prejuízos enormes ao regime das águas, a destruição sistemática da nossa flora, estando em vespasas de desaparecerem florestas seculares, nessas redondezas. (CORRÊA, 1933, p. 85).

O autor reflete e descreve o que chama de sertão carioca, compreendido como a região serrana e de mata fechada do estado litorâneo brasileiro. Ao mesmo tempo, significações seculares do sertão são perceptíveis, como a divisão e dualidade entre regiões litorâneas e interiores do território brasileiro ou, de igual modo, a relação entre campo e cidade.

O sertão nordestino em Euclides da Cunha

A construção de um conjunto de simbologias e referências de significações pode levar décadas, e precisa de um sem-número de fatores que a fortaleçam como tal. Este papel de difusão dos sentidos de significação ou esvaziamento simbólico do sertão pode ser encontrado em obras de Euclides da Cunha, especialmente sua maior construção literária, *Os Sertões* que alcançou tamanha notoriedade no início do século XX que, ainda hoje, é considerada um divisor de águas em diferentes gêneros literários e possibilidades de reflexões ou problematizações, do escopo geográfico ao histórico, da sociologia à etnografia, dos preconceitos regionais a forma de expressão literária pelo relato ou oralidade da imersão jornalística, dentre outras.

Ao lado uma árvore única, uma quixabeira alta, sobranceando a vegetação franzina. O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão e protegido por ela — braços largamente abertos, face voltada para os céus — um soldado descansava. Descansava... havia três meses. Morreria no assalto de 18 de julho. A coroa da Mannlicher estrondada, o cinturão e o boné jogados a uma banda, e a farda em tiras, diziam que sucumbira em luta corpo a corpo com adversário possante. Caíra, certo, derreando-se à violenta pancada que lhe sulcara a fronte, manchada de uma escara preta. E ao enterrar-se, dias depois, os mortos, não fora percebido. (CUNHA, 2019, p. 42).

O sertão de Euclides da Cunha nos propicia um movimento triplo da reflexão geoliterária,

tal como proposto por Collot (2012). Constata-se de início uma fase descritiva, algo como uma Geografia da Literatura, posteriormente é possível uma Geocrítica dos sertões, em que estão presentes elementos como imaginário espacial, escritor geógrafo, elementos do contexto, representações do espaço no e pelo texto, elementos de comparação etc; por fim a Geopoética, perceptível, por exemplo, na finalização d'Os Sertões euclidianos, quando na terça parte da obra intitulada A Luta, a existência daqueles que habitam, preenchem ou esvaziam o sertão de seus sentidos são aprofundados pelo autor.

O sertão mineiro em Guimarães Rosa

Assim como Euclides da Cunha, Guimarães Rosa possui um longo histórico de presença cultural, histórica, escolar, filosófica e social na representação do imaginário canônico do sertão brasileiro, entendido como interior territorial ubíquo. É nesse sentido que um trabalho didático-pedagógico, a partir de seu potencial ontológico, se torna tão imprescindível como necessário nessa construção secular dos sentidos de ser e do ser, ou nada, no e pelo sertão ou sertões rosianos, como destacado no trecho a seguir:

Eu caminhei para as Veredas-Mortas. Varei a quissassa; depois, tinha um lance de capoeira. Um caminho cavado. Depois, era o cerrado mato; fui surgindo. Ali esvoaçavam as estopas eram uns caborés. E eu ia estudando tudo. Lugar meu tinha de ser a concruz dos caminhos. A noite viesse rodeando. Aí, friazinha. E escolher onde ficar. (ROSA 2001, p. 435).

A obra do autor mineiro alcança até mesmo a configuração de romance de formação em relação ao território brasileiro, como ressaltado por Candido (2002), Bolle (2004) e Maas (2000). O impacto ontológico da obra de Guimarães Rosa é até mesmo considerado de maior porte em relação a outros autores contemporâneos de seu tempo, pelo fato de o autor trabalhar ampla e abertamente questões do existir e existência no mundo, muito próximo, por exemplo, das ideias heideggerianas e fenomenológicas de ser-aí ou ser-no-mundo, tendo o sertão como o lugar em toda parte para estas expressões geoliterárias.

O sertão amazônico de Paulo Jacob

A secularidade do sertão como interior territorial obteve seu primeiro referencial empírico na densa floresta amazônica. O edenismo como ideário latino-americano recebeu, ainda nos primeiros decênios coloniais, a floresta amazônica como referencial dos interiores territoriais Brasil. Esta significação do sertão, apesar de se enfraquecimento social ou cultural, ainda permanece como importante referencial teórico e conceitual, acadêmico e escolar e, também de inspiração geoliterária, como pode-se observar na obra de Paulo Jacob:

O rio crescia, o rio baixava. Da feita aí, tomou chegada no pé da barraca. Foi o aconteço. A cheia bateu forte, derrotou das terras. Mãe reclamadia, interior a pior precisão. O mais certo tomar rumo doutra paragem. No antigamente, ainda se dava preço. Doje, a maior escassez. Regatão de servindo, até disso avasqueirou. Ano aí, o causo se vir pra Manaus. Calhou ser dessa vez. O lago cresceu demais. Tomou os baixios, pegou as restingas. Subiu barrancas, abarrotou das terras. E já de muito vinha nesses ameaços. Foi se indo nessa vontade, transmudou tudo em igapó (JACOB, 1983, p. 13).

O sertão amazônico tal como trabalha Jacob foi uma das primeiras paisagens naturais do Brasil a *incorporar*, empiricamente, a ideia de interior territorial do país. Observamos também no trecho destacado como há a relevância das práticas, saberes e experiências também nos cotidianos descritos pelo autor. Por fim, um ponto importante a ser colocado em pauta é a maneira como ideias pretéritas e contemporâneas da permanência do sertão amazônico ora

como o paraíso terreal ora como o inferno verde permanecem em diferentes representações e simbolismos, para além da literatura.

O Sertão gaúcho de Veríssimo

As considerações de Luis Fernando Veríssimo sobre os interiores territoriais da região sul vão diretamente ao encontro das ideias e reflexões trabalhadas até este momento. As paisagens gaúchas, dos campos as matas de araucárias, estâncias e modos de vida tradicionais são amplamente exploradas pelo autor. A correlação entre os elementos da espacialidade, o pertencimento e constituição de diversificadas paisagens culturais do que poderíamos chamar de sertões sulinos ou gaúcho são observáveis na obra *O Tempo e o Vento - O Continente vol. 1*, a seguir:

O horizonte empalidecia e as estrelas se iam apagando aos poucos. Em torno da redução os campos estendiam-se, ondulados, sob a luz gris. Alonzo olhou para o nascente e foi de repente tomado dum sentimento de apreensão muito semelhante ao mal-estar que lhe deixara o sonho da noite. Naquela direção ficava o Continente do Rio Grande de São Pedro, que Portugal, inimigo da Espanha, estava tratando de garantir para a sua Coroa. [...] Laguna, posto extremo dos domínios portugueses no sul do Brasil, estava separada da Colônia por uma vasta extensão de terras desertas, cruzadas de raro em raro por grupos de vicentistas que, passando pela estrada por eles próprios rasgada através da serra Geral, iam e vinham na sua faina de buscar ouro e prata, arrebanhar gado e cavalos selvagens, prear índios e emprenhar índias. Metiam-se esses demônios Continente adentro, seguiam o curso dos rios, embrenhavam-se nas matas e, abrindo picadas a golpes de facão e machado, fazendo estradas com os cascos de seus cavalos e tropas, iam ao mesmo tempo rechaçando para o oeste e para o sul o inimigo espanhol. (VERÍSSIMO, 2004, p. 18).

Diferentes empiricidades, elementos físicos e abstratos, são observáveis nas linhas e palavras do autor. Paisagens interiores, modos de vida tradicionais, os desafios da ocupação territorial e suas diferentes formas de organização e costumes são alguns dos elementos que podem tanto ser destacados como, também, colocados em evidência numa expansão e aprofundamento da própria ideia de sertão, na totalidade do território brasileiro.

O sertão mato-grossense de Manoel de Barros

Manoel de Barros apresenta-se como uma variação das ilustrações geoliterárias da ubiquidade ôntico-ontológica dos sertões até agora apresentadas. O primeiro ponto que chama a atenção é a inventividade e singularidade da escrita versada do autor, única na literatura brasileira por ter momentos de criação neologista e, também, de referências existenciais, ontológicas, regionais, culturais, tradicionais e territoriais dos interiores mato-grossenses, seja na empiricidade do cerrado ou pantanal:

Este ermo não tem nem cachorro de noite.
É tudo tão repleto de nadeiras.
Só escuto as paisagens há mil anos.
Chegam aromas de amanhã em mim.
Só penso coisas com efeitos de antes.
Nas minhas memórias enterradas
Vão achar muitas conchas ressoando. . .
Seria o areal de um mar extinto
Este lugar onde se encostam cágados?
Deste lado de mim parou o limo
E de outro lado uma andorinha benta.
Eu sou beato nesse passarinho.
(BARROS, 1997, p. 89).

Como observado nos versos destacados, o nada e o vazio são elementos recorrentes nos sertões mato-grossenses de Manoel de Barros (1997). Ontologicamente e geograficamente há uma diferenciação em relação aos outros autores, pelo fato de ser possível trabalhar este esvaziamento.

Seja do sentido do sertão como também da própria existência. Geográfica, pedagogicamente e na articulação interdisciplinar, seja na educação básica ou no embasamento acadêmico para esta reflexão geoliterária do nada ou vazio geográfico existencial, há uma riqueza e especificidade analiticamente profícua neste autor.

Os sertões poéticos de Goiás em Gilberto de Mendonça Teles

O sertão poético e lendário de Gilberto de Mendonça Teles pode ser revelado na Sociologia Goiana publicado em 1982, um livro marcado pela geograficidade inscrita na impressão dos lugares, na subjetividade do autor para com sua terra e com linguagem regional e em referência à toponímia e o modo do povo ser no sertão Goiano, expresso também na paisagem. Um modo de ser-sertão imaginário do Goiano que Gilberto “acentua vigoramente as franjas telúricas da palavra”. A imersão telúrico-poética que Gilberto imprime nas paisagens imaginárias da sua Sociologia Goiana, transforma o imaginário social do lugar, conforme (BUSSATO, 2007, p. 11) ao afirma ser esta obra um pacto com o lado negro da linguagem, em comparação com outras obras do poeta, uma noturnia cuja linguagem faz das lendas requinte estilístico das múltiplas figuras e a poesia, inextrincavelmente, lapidada em Sociologia Goiana, assume um tom sertanejo, mescla expressões regionais, modos de dizer e sentir do Goiano, suas crenças, suas lendas, aprofundando o telurismo mais recôndito com sua construção visual dos poemas sem perder a ironia, marca indelével presente na sua poética. As paisagens estampam-se num sertão de sentidos em poemas com *Goiás, Geografia do Mito, Fronteiras, Caminhos, Localidades, Hidrografia, o Rio, Percursos e tantos outros* (TELES, 2001, p.30, 31, 33-48) Vejamos as palavras de ser nos fios dos poemas *Ser tão Camões, Invocação e Estórias*:

SER TÃO CAMÕES

Um rio se levanta da planície
Goiana e se detém calamitoso
Para lutar comigo e revelar-me
O mistério mais fundo do sertão...

E me armou no mais íntimo do ser
a máquina do medo, me ocultando
o amoroso espetáculo dos botos
e a lenda da lua nos remansos...

... de quem penetra a solidão noturna
do canto da jaó, sem perceber
o discurso do rio que me grita
do barranco:

“ Não passarás, Sasci,
destes vedados términos de Goiás!
Eis o sinal belicoso, abrindo na tua alma
vastidões e limites...

... Nada valem
tua cabaça de mandinga, o aroma
de teu cachimbo e o mágico rubor
de tua carapuça. Nada vale
a tua perna fállica, pulando nos cerrados...

....Mas ainda tens
de nutrir tua vida nas imagens

SERTÃO UBÍQUO E GEOLITERATURA: PONDERAÇÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

A diversidade empírica, literária e de representação dos sertões brasileiros podem ser utilizados como exercício geoliterário didático-pedagógico. Ao encontro do que é refletido, por exemplo, por Straforini (2018), Castellar (2005), Oliveira (1998), Pérez (2005), Alcarz e Monllor (2016), Moraes et al. (2018) e Kunz, Araújo e Castioni (2017). E a diversidade empírica e paisagística do sertão o transforma em desafio e possibilidade didático-pedagógico, tanto metodologias de ensino como abertura conceitual de seus sentidos no arcabouço categorial e temático da Geografia Escolar que, como nos lembra Straforini (2018) busca abarcar tal complexidade do espaço geográfico:

Se para cada conteúdo de ensino (os conteúdos empíricos da Geografia), o professor precisa inter-relacionar os conteúdos estruturantes (escala, espaço e tempo), os procedimentos metodológicos (onde, como e por quê?) e os processos físicos e humanos em interação, para que a espacialidade do fenômeno seja compreendida em sua totalidade, abre-se um grande desafio metodológico: o grau de complexidade da abordagem junto aos escolares e a própria escala do fenômeno ou evento geográfico a ser estudado, pois os mesmos conteúdos escolares são trabalhados em diferentes anos do processo de escolarização. (STRAFORINI, 2018, p. 186).

O sertão ubíquo é mais uma prática espacial e sentido histórico-cultural, acompanhado de suas expressões geoliterárias, do que uma verticalização de significado específica. Mesmo que observemos, por exemplo, a maneira como o sertão semiárido possui uma maior visibilidade escolar ou no senso comum, é importante, por meio do pensamento e raciocínio geográfico refazer este percurso teórico-conceitual e ôntico-ontológico do sertão no ensino de geografia, tendo em vista que: “[...] as práticas espaciais, enquanto ações espaciais, precisam ser compreendidas também na sua dimensão discursiva, ou seja, compreender o processo de significação discursiva que uma prática espacial carrega e produz, seja ela heterônima, seja insurgente. Logo, toda espacialidade do fenômeno também carrega um sistema discursivo.” (STRAFORINI, 2018, p. 189).

Ao encontro do que é trabalhado por Straforini (2018) também ressalta Castellar (2005) que toda aprendizagem geográfica na Educação Básica requer o “[...] o conhecimento e a compreensão dos espaços nos contextos locais, regionais, nacionais, internacionais e mundiais e, em particular:” (CASTELLAR, 2005, p. 211). de modo a alcançar a “[...] - compreensão dos traços característicos que dão a um lugar a sua identidade; - compreensão das semelhanças e diferenças entre os lugares”. (CASTELLAR, 2005, p. 211). O que a Castellar (2005) inquirir e orienta em suas considerações encontra repouso nas reflexões de Tamanini e Silva (2019) sobre o estudo do sertão, indo da Geografia à diálogos interdisciplinares sobre o tema:

O estudo das realidades que formam o cotidiano tem se realizado por diferentes vieses, e evidenciam-se os interesses de pesquisadores sobre questões do dia-a-dia e seus significados, e as representações sociais que vão se construindo por meio de hábitos, rituais, nas ruas, na igreja, nas novelas, revistas, jornais, internet, carregam um sentido social e político dessas representações. (TAMANINI; SILVA, 2019, p. 325).

Desta maneira, pedagogicamente posta-se diante das estratégias de ensino dimensões sociológicas, históricas, ambientais, geográficas, antropológicas, filosóficas, de linguagem e artísticas atinentes de maneira mediata ou correlata aos sentidos do sertão. Em acréscimo às considerações do ensino de Geografia há a interlocução de diferentes estudos interdisciplinares podem ser somados a perspectiva didático-pedagógica e geoliterária dos sertões. Exemplos destas incursões podem ser encontrados nos trabalhos de Cavalcanti e Brito (2019), Ferreira, Nóbrega e Barbosa Júnior (2014), Miguel (2014), Silva e Ribeiro (2012), Tamanini e Silva (2019) e Teixeira Neto, Medeiros e Souza (2017).

Como apontado por Cavalcanti e Brito (2019) o estudo do sertão pode contribuir para “1) Ampliar o conhecimento sobre as paisagens e sua diversidade; 2) Sensibilizar os estudantes para a valorização e preservação do patrimônio paisagístico da comunidade.”(CAVALCANTI; BRITO, 2019, p. 19). E os mesmos autores ainda complementam suas colocações indo ao encontro da questão diversificada das paisagens sertanejas no território brasileiro, unindo questões identitárias, patrimoniais e de pertencimento ao lugar. Os exemplos geoliterários expostos anteriormente podem ser utilizados também no sentido que Ferreira et. al (2014) consideram a educação pelo lugar que se habita, e o sertão podendo ser a síntese deste exercício pedagógico-geográfico de uma ontologia da existência no habitar o mundo:

Para trilharmos no sertão em busca da compreensão de um lugar que educa, fez-se necessário assumir uma atitude fenomenológica, tendo o cuidado de não nos acostumarmos com o objeto pesquisado, mas sim, colocá-lo numa suspensão, ficar alheio a sua forma imediata de ser, olhá-lo como se fosse uma primeira vez, assumindo um contato “ingênuo” em busca de um horizonte de sentidos, sem jamais transformá-lo numa ideia, porém sim, num lugar que se estende a cada compreensão e que vive sempre em movimento (FERREIRA; NÓBREGA; BARBOSA JÚNIOR, 2014, p. 191).

Em concordância essas posições há as considerações de Miguel (2014) que também aponta os aspectos destacados pelos autores anteriormente citados com reflexões específicas sobre a prática didático-pedagógica da Geografia Escolar quando afirma que: “Espaço-Sertão, definido pelo autor como “espaço híbrido, onde temporalidades e alteridades se superpõem em relações culturais dialógica” (MIGUEL, 2014, p. 36), e o sentido ubíquo do sertão trabalhado por Moraes (2004) é retomado quando o mesmo autor considera que: “O entre-lugar como o espaço “entre” – nem um nem outro – mas, no intervalo, na lacuna “entre” o espaço urbano e o sertão; “entre” o real e o mítico; “entre” o senso de percepção lógica e a imaginação visionária.” (MIGUEL, 2014, p. 35).

Colocações aproximadas a de Miguel (2014) são as palavras sobre os interiores territoriais elaboradas por Ferreira (2004), especificamente sobre os significados do sertão entre conotações e denotações desses sentidos, essências da ideia de sertão:

Uma conotação a discutir é aquela que apontam os dicionários, seja a de que sertão se opõe a litoral por princípio e definição, aquela que remeteria ao apontado “inserto” de Piel. No entanto, o que se termina por observar é exatamente aquilo que se constata quanto aos conceitos de deserto e de povoado. Juntando-se à ideia de despovoado, tem-se a noção de distância mas o que se observam são os dois mesmos pares opositivos, com as podações intermédias. De um lado, a noção de distância, de mistério, de confins a perder de vista. A conotação de inexplicado, misterioso, distante, que se apresenta em formas sucessivas como sertão dentro, dentro pelo sertão; por outro lado se oferece a alternativa em que se registra uma noção de contigüidade e depreensão de superfícies facilmente atingíveis. (FERREIRA, 2004, p. 30).

Cada conteúdo ou tema deve ser trabalhado de forma a respeitar o contexto e realidade na qual estudantes, professores e comunidade escolar como um todo estejam inseridos. O entre-lugar sertão, por estar em toda parte, traz consigo tanto esse desafio didático-pedagógico como possibilidade de diversificação da própria prática pedagógica e materiais de referência e metodologias de ensino sobre seu estudo e presença. Tal como refletido por Libâneo (2013):

Os conteúdos escolares não são informações, fatos, conceitos, ideias etc. que sempre existiram na sua forma atual, registrada nos livros didáticos, nem são estáticos e definitivos. Os conteúdos vão sendo elaborados reelaborados conforme as necessidades práticas de cada época histórica e os interesses sociais vigentes em cada organização social. O sentido histórico dos conteúdos se manifesta no trabalho docente quando se busca explicitar como a prática social de gerações passadas e das gerações presentes interveio e intervém na determinação dos atuais conteúdos, bem como o seu papel na produção de novos conhecimentos para o avanço da ciência e para o progresso social da humanidade. (LIBÂNEO, 2013, p. 152).

Em continuidade a essa mesma reflexão do autor, há, portanto, o entre-lugar sertão, sua ubiquidade ôntico-ontológica, trabalhada a partir da geoliteratura, como um núcleo de aberturas, por exemplo, com os princípios lógicos do raciocínio geográfico como extensão, distribuição, localização, circulação etc. Estes direcionamentos da prática didático-pedagógica e da valoração do estudante em sua aprendizagem ativa e significada do mundo que habita é o que também defende Silva e Aragão (2012): “O espaço vivenciado pelo aluno deve ser abordado em sua relação com outros espaços, de modo a estabelecer comparações, ressaltando semelhanças e diferenças sociais, econômicas e culturais importantes para a compreensão do que observa e analisa”. (SILVA; ARAGÃO, 2012, p. 20)

Também é possível relacionar a ideia de sertão como uma categoria fluida e híbrida da própria Geografia, incorporando e, ao mesmo tempo, desafiado epistemologicamente o escopo teórico de outras categorias geográficas com paisagem, territorialidade, região, lugar.

Esta fluidez, e possibilidade de revisitação por meio da geoliteratura, como expressão da ubiquidade ontológica do sertão torna-se um desafio didático-pedagógico ainda maior, no sentido do que é pensado sobre o lugar, representações do local nos conteúdos de temas escolares e o aprendizado de Geografia por Albuquerque (2004), e Antunes et. al (2010) e Aragão e Silva (2012). Em síntese, temos a construção de um conhecimento pautado na relação, imersão, experiência e vivência, *construindo* geografias:

Construir o conhecimento geográfico é diferente de estudar Geografia de forma enciclopédica. Entender os acontecimentos refletindo sobre os fatos não significa memorizar os dados e assim apenas ter segurança em repassá-los. Entender os fenômenos é conseguir, a partir deles, desenvolver a condição de mobilizar o pensamento e conseguir assim aproveitá-los em diferentes situações. Entender um fenômeno ocupando-se do outro e ser capaz de reutilizá-lo sempre que for necessário aprender o novo requer atenção e reflexão. São essas ações que permitem a construção do conhecimento (COSTELLA, 2013, p. 65).

Para lecionar geografia (e também outros componentes curriculares) há que se fazer uma incursão no meio em que está inserida a tríade: escola-aluno-professor, pois se o professor conhecer a realidade do aluno ele poderá linkar o seu cotidiano com a aprendizagem, facilitando assim as compreensões de conceitos geográficos. Se esse aluno conseguir reconhecer e entender as relações de poder existentes na localidade, no município, em seu cotidiano, ele poderá utilizá-las como embasamento para a compreensão das relações de poder em qualquer outro lugar, construindo assim competência para a leitura de um lugar. Se o aluno lê o que lhe é conhecido, pode também arriscar-se a ler o desconhecido. (HAHN; KAERCHER, 2016, p. 260).

O sertão, mesmo que onticamente referenciado a partir de uma empiricidade paisagística específica, terá, geográfica e literariamente, variações, que fomentam um desafio e leque de possibilidades didático-pedagógicas. Um exemplo desta proficuidade temática do sertão está em sua abertura o imensurável de suas fronteiras e limites, que desafia, muitas vezes, o referencial escalar de sua extensão.

A ideia de escala, presente como mobilidade de extensão do sertão também pode ser aplicada para a própria reflexão sobre a variabilidade dos limites e fronteiras dos territórios sertanejos. Com mencionado por Pontuschka et al. (2009) vai diretamente ao encontro da proposição efetuada até esse momento, do ponto de vista de didático-pedagógico, ou seja, a contextualização dos conteúdos, temas a diferentes realidades e experiências de aprendizagem é fundamental na educação como um todo, e a Geografia Escolar, especificamente nesse caso:

Assim, além de dominar conteúdos, é importante que o professor desenvolva a capacidade de utilizá-los como instrumentos para desvendar e compreender a realidade do mundo, dando sentido e significado à aprendizagem. À medida que os conteúdos deixam de ser fins em si mesmos e passam a ser meios para a interação com a realidade, fornecem ao aluno os instrumentos para que possa construir uma visão articulada, organizada e crítica do mundo. (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 97).

Por fim, é importante que não apenas o sertão seja trabalhado em sua riqueza teórica, epistemológica e analítica no ensino de Geografia, todo o processo de aprendizagens deve ser considerado nessa proposição didático-pedagógica. O exemplo das autoras soma-se aos já apresentados anteriormente, mas que possuem muitas vezes pontos de partida para novos vislumbres e horizontes do sertão na Geografia escolar. Como afirmado por Ferreira et. al “As elaborações do sertão estão sempre se renovando, movimentando--se nos canais do seu corpo expressivo e se transubstanciando pela textura de ligações de vidas distintas.” (2014, p. 202).

Se o sertão possui como uma de suas principais características a diversidade de suas representações e o fato de *estar em toda parte*, então é natural que possamos considerá-lo, do ponto de vista escolar, como passível de ser contextualizado a diferentes cenários escolares e de ensino e aprendizagem. Serras, campinas, cerrados, caatingas, veredas e matas fechadas, paisagens do sertão que se (des)encontram no território brasileiro e seus habitantes, com diferentes estares de um sertão-mundo, múltiplo e único, ao mesmo tempo.

Para além de seu posicionamento teórico e metodológico de singularidade analítica para a Geografia o sertão, em sua multiplicidade geográfica, transforma-se em ponto de partida e chegada para se pensar, viver, fazer, ensinar e construir Geografia na própria busca constante pela (in)compreensão do território brasileiro em sua diversidade e singularidades.

CONCLUSÃO

O sertão, como conceituação geográfica, aproxima-se muito do que disserta Sartre a situação. Compreende-se o sítio, o local, e ação, ou seja, o movimento do que está em ocorrência no momento em que se observa e analisa um determinado recorte no espaço geográfico.

São muitos sertões literários plenos de geograficidade, de um mundo geoliterário e geopoético, que não raramente, alcança o vivido. Desse modo, os diversos retratos de sertões que apresentamos aqui escolhidos como um panorama, perscrutam uma rede de sentidos, onde a essência desses sertões pudesse coagular, como observamos a presença reiterada da tríade espaço, ser e sertão formando a entidade ontológica, aberta aos mais vastos simbolismos culturais.

O sertão como forma de expressão geoliterária e ontológica de diferentes mundos habitados é uma ponte conceitual e analítica palpável entre Geografia Escolar e acadêmica e, também, camadas conceituais envolvendo perspectivas fenomenológicas, aspectos sociais e ambientais, processos complexos de ocupação e transformação do território brasileiro etc.

É possível, então se pensar sobre a prática pedagógica da Geografia a partir do entrelaçamento da diversidade conceitual, contextual e de expressões dos sentidos do sertão. Tais sentidos do sertão é emanam em suas diferentes camadas a partir da arte, e como demonstrado ao longo do artigo, pela geoliteratura em diferentes autores, obras e formas de composições narrativas dos interiores territoriais brasileiros.

Incorporam-se, por fim, a diversidade dos sentidos do sertão em sua ubiquidade ôntico-ontológica como uma abertura epistemológica e também didática para a Geografia. Como presença e protagonismo teórico-metodológico, o sertão perpassa, para além da própria ciência geográfica, aproximações e diálogos com outros saberes e experiências que podem sim fazer parte da aproximação entre reflexões acadêmicas e o cotidiano escolar contextualizado a diferentes maneiras de ser ler, viver e buscar compreender os sertões brasileiros.

REFERÊNCIAS

ALCARAZ, R. S.; MONLLOR, E M.. [Org.] **La investigación e innovación en la enseñanza de la geografía**. Alicante: Publicaciones de la Universidad de Alicante, 2016.

ALMEIDA, R.D. e PASSINI, E. Y. **O Espaço Geográfico: Ensino e Representação**. S. Paulo: Contexto, 2004.

ALVES, I. A Literatura é uma Geografia?. **Revista Geografia, Literatura e Arte**, v. 1, n. 2, p. 20-34, 2018. Disponível em < <https://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/140269> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

AMADO, J. Região, Sertão, Nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n.5, p. 145-151, 1995. Disponível em < <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1990/1129> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

ANTONIO FILHO, F. D. Sobre a palavra Sertão: origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da Ciência Geográfica). **Ciência Geográfica**, v.XV, p.84-87, 2011. Disponível em < https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXV_1/AGB_dez2011_artigos_versao_internet/AGB_dez2011_11.pdf > Acesso em 22 de jan. de 2022.

ANTUNES, C. (ORG.) **Geografia e Didática**. São Paulo: Vozes, 2010.

ARAÚJO, G. C. C. O sertão e a espacialidade edênica. **Revista Geotemas**, Pau dos Ferros-RN, v. 8, p. 1, 2018. Disponível em < <http://natal.uern.br/periodicos/index.php/GEOTemas/article/view/891> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

ARAÚJO, G. C. C. Cotidiano e facticidade: contribuições para uma geografia da escala mínima. **Revista Geografia, Literatura e Arte**, São Paulo, v. 2, p. 173-200, 2020. Disponível em < <https://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/154781> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

SUZUKI, J. C; ARAÚJO, G. C.C.; MARQUES, K. Em busca dos sertões: a movência fronteira nos interiores do Brasil. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 53–64, 2022. DOI: 10.15446/rcdg.v31n1.89690. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/rcg/article/view/89690>. Acesso em: 23 ene. 2022.

BARROS, M. **O livro das ignoranças**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 84-91.

BESSE, J. M. **Ver a Terra: seis ensaios sobre paisagem e geografia**. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BLANCHOT, M. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BOLLE W. **grandesertão:br: O romance de formação do Brasil**. ed. 34. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

BRANDÃO, L. A. **Teorias do Espaço Literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CANDIDO, A. O homem dos avessos. In: CANDIDO, Antonio. **Tese e Antítese**; Ensaios. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002. p.119-140.

CASTELLAR, S. Educação Geográfica: A psicogenética e o conhecimento escolar. Cad. **Cedes**, Campinas vol. 25 n.66 p. 209-225 maio/agosto, 2005. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/SDh77ByNZ8v8bSD9Dbbjvf/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 22 de jan. de 2022.

CAVALCANTI, L. C. S.; BRITO, J. M. S. R. Cartografia de paisagens para o ensino de geografia: prática de campo no sertão de Pernambuco. **Geografia Ensino e Pesquisa**, Santa Maria, v. 23 e 23, p. 1-27, 2019.

COLLOT, M. Rumo a uma geografia literária. In: **Gragoatá**, Niterói, n. 33, p. 17-31, 2. sem. 2012. Disponível em < <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33006>> Acesso em 22 de jan. de 2022.

CORRÊA, A. M. **O sertão carioca**. Rio de Janeiro: Imprensa. Nacional, 1936.

CORPAS, D. Grande sertão: veredas e formação brasileira. **Revista da ANPOLL** (Impresso), v. 24, p. 261-288, 2008. Disponível em < <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/28> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

CORRÊA, A. M. **O sertão carioca**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1933.

COSTELLA, R. Z. Escola: espaço de responsabilidade social. **Revista Trajetória Multicursos** –Edição Especial XVI Fórum Internacional de Educação, Osório, ano 3, n. 7, ago. 2012. Disponível em < http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/trajetoria_multicursos/agosto_2012/pdf/escola_-_espaco_de_responsabilidade_social.pdf> Acesso em 22 de jan. de 2022.

CUNHA, E. **Os Sertões**. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc, 2019.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. (Trad.Werther Holzer). Perspectiva: São Paulo, 2011.

FERRÉ, Andre. **Géographie littéraire**. Paris: Éditions Du Sagittaire, 1946.

FERREIRA, J. P. Os segredos do Sertão da terra: um longe perto. Légua e meia: **Revista de literatura e diversidade cultural**, Feira de Santana-UEFS, v. 3, n. 2, p. 25-39, 2004. Disponível em < <http://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/1949> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

FERREIRA, G. L. et. al. O sertão educa. **Revista Educação Em Questão**, v. 48, n. 34, p. 190-215, 2014. Disponível em < <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/5773> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

HAHN, J. B.; KAERCHER, N. A. Os arredores da escola: lugarizando a aprendizagem, vivenciando a geografia por meio de maquetes e cordel. In: CASTROGIOVANNI, A. C.;

TONINI, I. M.; KAERCHER, N. A.; COSTELLA, R. Z.. (Org.). **Movimentos para ensinar Geografia - oscilações**. 1ed.Porto Alegre: Editora Letra1, 2016, v. , p. 255-277.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, M. **Ontologia: Hermenêutica da facticidade**. Trad. Renato Kichner. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

ÍÑIGUEZ, H. G. **La reflexión cotidiana: hacia una arqueología de la experiencia**. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1987.

JACOB, P. **A noite cobria o rio caminhando**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983.

KUNZ, S. A. S.; ARAÚJO, G. C. C.; CASTIONI, R. Epistemologia e a pesquisa em política educacional: vetores que orientam os pesquisadores do campo educacional. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 8, n. 15, p. 17-47, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N15/Resumo-Art2-Revista-Ensino-Geografia-v8-n15-Kunz-Araujo-Castioni.php>. Acesso em: 27 nov. 2020.

LAMBERT, J. **Os dois Brasis**. 5.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2013

MAAS, W. P. M. D. **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: UNESP, 2000.

MALPAS, J. **Place and Experience A Philosophical Topography**. New York, NY: Routledge, 2018.

MARANDOLA JÚNIOR, E. Geograficidade e espacialidade na Literatura. **Geografia**, v. 34, n.3, p.487-508, set./dez. 2009. Disponível em < <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4795> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

MARANDOLA JÚNIOR, E. Lugar e Lugaridade. **Mercator**, Fortaleza, v. 19, apr. p. 1-12, 2020. Disponível em < <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e19008>> Acesso em 22 de jan. de 2022.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos. A. Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MIGUEL, G. F. Do sertão de Dicke ao universo de Rosa: travessia de uma experiência de ensino. **Revista Panorâmica On-Line**. Barra do Garças–MT, vol. 17, p. 23–39, ago/dez. 2014. Disponível em < <http://157.230.141.90/revista/index.php/revistapanoramica/article/view/596>> Acesso em 22 de jan. de 2022.

MONTEIRO, C. A. F. **O mapa e a trama - ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MORAES, A. C. R. O Sertão: um outro geográfico. **Revista Terra Brasilis**, Rio de Janeiro, v.4/5, p.11-23, 2003. Disponível em < <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/341> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

MORAES, A. C. R. Geografia, interdisciplinaridade e metodologia. **GEOUSP – Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 9-39, 2014. Disponível em < <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/81075> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

MORAES, J. V.; CASTELLAR, S. M. V. Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 17, n. 2, p. 422-436, 2018. Disponível em < http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen17/REEC_17_2_07_ex1324.pdf > Acesso em 22 de jan. de 2022.

MOREIRA, Ruy. Marxismo e Geografia: a geograficidade e o diálogo das ontologias. **Revista GEOgraphia**. Niterói: PPGeo/UFF, ano VI, n. 11, 2004. Disponível em < <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13466> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

OLANDA, D. A. M.; ALMEIDA, M. G. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**. Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 7-32, jul/dez 2008. Disponível em < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2008v23n46p7> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

OLIVEIRA, L. Como Educar sobre os Direitos da Paisagem, **Anais do III Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem**, Rio Claro: UNESP, 1998.

ORTÊNCIO, B. **Dicionário do Brasil Central**. São Paulo: Ática, 1983.

PÁDUA, L. T. S. A “**Topologia do ser**”: lugar, espaço e linguagem no pensamento de **Martin Heidegger**. 2005. Tese (Doutorado em Filosofia) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Janeiro: PUC-Rio, 2005.

PÉREZ, C. L. V. Ler o espaço para Compreender o Mundo: a função alfabetizadora da geografia. In: **Revista Tamoios** (Impresso), v. 2, p. 17-24, 2005. Disponível em < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/646> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. L.; CACET, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. Coleção docência em formação. Série Ensino Fundamental. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

REGO, A. H. O sertão e a geografia. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v.63, p. 42-66, 2016. Disponível em < <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/114856> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

ROJAS, J. Efeitos de sentido e fenomenologia nas práticas educativas: linguagem, cognição e cultura. In: **III Seminário Internacional de pesquisa e estudos qualitativos – V Encontro de fenomenologia e análise do existir**, 2006, São Bernardo do Campo. Anais. São Bernardo do Campo: Editora SE&PQ - Co-editora UMESP, v. 1, 2006, p. 1-10.

RONCARI, Luiz . **O Brasil de Rosa (mito e história no universo rosiano): o amor e o**

poder. 1a. ed. São Paulo: Editora Unesp/FAPESP, 2004.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SENA, C. S. “A categoria sertão: um exercício de imaginação antropológica.” **Sociedade e Cultura**, v. 1, n. 1, p. 19-28. Disponível em: <
<https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/1776/2137>> Acesso em 23 de jan. de 2022.

SILVA, M. S.; RIBEIRO, D. M. S. Ensino de Física no Sertão: Literatura de cordel como ferramenta didática. **Revista Semiárido De Visu**, Salgueiro-Pe, v.2, n.1, p.231-240, 2012. Disponível em < <https://periodicos.ifsertao-pe.edu.br/ojs2/index.php/semiariododevisu/article/view/61> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

SILVA, A. C. A aparência, o ser e a forma (geografia e método). **Revista GEOgraphia**, Niterói, Ano II, n. 3, p. 7-25. 2000. Disponível em <
<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13372>> Acesso em 22 de jan. de 2022.

SILVA, N. M.; ARAGÃO, R. F. Observação como Prática Pedagógica no Ensino de Geografia. Fortaleza: **Geosaberes**, 2012. Disponível em <
<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/174> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

SILVEIRA, M. L. Uma situação Geográfica: do método à metodologia. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano IV, n.16, jan./jun.1999.

SUZUKI, J. C. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. In: **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, v. 5, p. 129-147, 2017. Disponível em <
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4246745/mod_resource/content/1/J%C3%BAlio%20C%C3%A9sar%20Suzuki%20-%20Geografia%20e%20Literatura%20-%20abordagens%20e%20enfoques%20contempor%C3%A2neos.pdf> Acesso em 22 de jan. de 2022.

STRAFORINI, R. O Ensino de Geografia como Prática Espacial de Significação. In: **Estudos Avançados**, v. 32, p. 175-195, 2018. Disponível em <
<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152621> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

TAMANINI, P. A.; SILVA, E. D. R. O Nordeste, as imagens e o ensino: o real e o imaginário na iconografia da seca. **Revista Linhas, Florianópolis**, v. 20, p. 317-337, 2019. Disponível em < <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723820432019317> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

TEIXEIRA NETO, J.; MEDEIROS, E. A.; SOUZA, J. F. C. A Filosofia no Sertão: da formação de professores à Filosofia no Ensino Médio. **Revista Digital de Ensino de Filosofia**, Santa Maria, v.3. n.1, jan./jun. p. 38-58, 2017. Disponível em <
<https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/27330> > Acesso em 22 de jan. de 2022.

VERISSIMO, Erico. **O Continente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. 1.